http://doi.org/10.14393/REVEDFIL.v39a2025-75341

Privação, separação e angústia? Notas sobre as concepções de Freud e de Bowlby a respeito da primeira infância, educação e cuidado materno[1]

Pedro Fernandez de Souza[*]

Kaira Neder[**]

Resumo: Neste artigo, buscamos compreender e analisar a apropriação e reformulação da teoria freudiana, tal como foi empreendida por John Bowlby, em sua proposição da teoria do apego. Uma teoria fundamental hoje no campo da pedagogia, da educação e mesmo da psiquiatria infantil, a teoria do apego foi formulada por Bowlby tendo como base a psicanálise freudiana. No entanto, Bowlby realizou uma leitura crítica da teoria de Freud, na qual conceitos e noções são alterados. Neste artigo, focamos nossa atenção em conceitos relativos à infância; com isso, buscamos cotejar as palavras de Bowlby e Freud, no que elas deixam depreender concepções de infância, educação e cuidado materno. Ao longo de nossa análise, ficará claro que a concepção freudiana de "bebê" e "infância", por exemplo, é bem diferente da concepção bowlbyana. A partir disso, enunciam-se algumas conclusões de cunho mais geral a respeito das relações entre a teoria do apego, de Bowlby, e a psicanálise freudiana.

Palavras-chave: Freud; Bowlby; Infância; Educação; Separação.

---

[1] A despeito das teses dos autores não tratarem diretamente do tema do texto ele está intimamente relacionado com suas respectivas pesquisas de doutorado. Portanto, agradecemos à Capes pelas bolsas concedidas aos dois autores em seus respectivos projetos (88887.500452/2020-00; 88887.713902/2022-00); e à Fapesp (2024/00778-6).

[*] Doutorando em Filosofia da Psicanálise pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: pedrofsouza@gmail.com. Lattes: http://lattes.cnpq.br/9110676482062042. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7109-8469.

[**] Doutoranda em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). E-mail: nederkaira@gmail.com. Lattes: http://lattes.cnpq.br/6429137583817732. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8047-2996.

Deprivation, separation and anxiety? Notes on Freud's and Bowlby's conceptions of early childhood, education and maternal care

Abstract: In this article, we seek to understand and analyse the appropriation and reformulation of Freudian theory, as undertaken by John Bowlby in his proposal of attachment theory. A fundamental theory today in the field of pedagogy, education and even child psychiatry, attachment theory was formulated by Bowlby based on Freudian psychoanalysis. However, Bowlby carried out a critical reading of Freud's theory, in which concepts and notions are altered. In this article, we focus our attention on concepts related to childhood; with this, we seek to compare the words of Bowlby and Freud, in what they reveal about conceptions of childhood, education and maternal care. Throughout our analysis, it will become clear that the Freudian conception of "infant" and "childhood", for example, is quite different from the Bowlbyan conception. Based on this, some more general conclusions are stated regarding the relations between Bowlby's attachment theory and Freudian psychoanalysis.

Keywords: Freud; Bowlby; Infancy; Education; Separation.

Privation, séparation et angoisse? Notes sur les conceptions de Freud et de Bowlby sur la petite enfance, l'éducation et les soins maternels

Résumé: Dans cet article, nous cherchons à comprendre et analyser l'appropriation et la reformulation de la théorie freudienne, entreprises par John Bowlby, dans sa proposition de la théorie de l'attachement. Théorie fondamentale aujourd'hui dans le domaine de la pédagogie, de l'éducation ou encore de la pédopsychiatrie, la théorie de l'attachement a été formulée par Bowlby basée sur la psychanalyse freudienne. Cependant, Bowlby a procédé à une lecture critique de la théorie de Freud, dans laquelle des concepts et notions sont modifiés. Dans cet article, nous concentrons notre attention sur les concepts liés à l'enfance; avec cela, nous cherchons à comparer les paroles de Bowlby et Freud, dans la mesure où elles nous permettent d'appréhender leurs conceptions d'enfance, d'éducation et de soins maternels. Tout au long de notre analyse, il apparaîtra clairement que la conception freudienne du « bébé » et de « l'enfance », par exemple, est très différente de la conception bowlbyienne. De là, des conclusions plus générales sont tirées concernant les relations entre la théorie de l'attachement de Bowlby et la psychanalyse freudienne.

Mots-clés: Freud; Bowlby; Enfance; Éducation; Séparation.

Introdução

Um dos entrelaçamentos mais profícuos entre filosofia e educação refere-se às concepções de infância veiculadas por determinadas teorias filosóficas, particularmente as expressas no campo da puericultura. Dentre os tratados mais famosos e fundadores de concepções modernas da infância e puericultura, encontram-se o de *De Civilitate Morum Puerilium* (1530), de Erasmo de Roterdã (1466-1536), a obra de Jan Comenius (1592-1670), *Some Thoughts Concerning Education* (1693), de John Locke (1632-1704), e o *Émile* (1762) de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778)[1]. Em sua acepção moderna, a puericultura e o processo de inserção na sociedade da criança passam a ser pautados, em linhas gerais, pela valorização do exercício pedagógico, pela preocupação com a formação de um indivíduo (Cauvilla, 1999), e pela compartimentação da infância em etapas etárias (Ferreira; Gondra, 2006). Nessa linha de valorização do período da infância como fase de formação, em fins do século XIX, vimos emergir um ramo de saber que desenvolve concepções particulares sobre a infância, ainda que não se ocupe da puericultura ou se direcione às crianças de modo direto: trata-se da psicanálise freudiana. Dentre suas marcas, podemos destacar sumariamente a centralidade da sexualidade no desenvolvimento infantil e a existência de uma sexualidade infantil[2], a ênfase na primeiríssima infância como período crucial de desenvolvimento e a descentralização do debate etiológico (e, portanto, de formação do caráter) em torno da hereditariedade (Cf. Freud, 1999b). Numa época marcada pela noção de "hereditariedade" nos debates psicopatológicos, a atitude de Freud chama a atenção por colocar ênfase nas "vivências puramente casuais", como se pode ler numa de suas *Conferências Introdutórias*, de 1917:

[1] A análise da produção desse conjunto de autores é vasta, podendo-se citar obras clássicas, como Norbert Elias (1939-2011), Philippe Ariès (1960-1973), Elisabeth Badinter (1985). Ainda, conferir Caroli (2017) e Cauvilla (1999).

[2] Convém relembrar que a teoria freudiana não é a primeira nem a única de seu tempo a destacar a existência e o desenvolvimento de impulsos sexuais na criança (cf. Simanke, 2020a).

> A importância dessa época infantil é dupla: por um lado, nela as tendências instintuais que a criança trouxe consigo em sua disposição inata se manifestaram pela primeira vez; e, por outro lado, outros de seus instintos foram despertados e ativados pela primeira vez por meio de influências externas, de vivências acidentais. Creio não haver dúvidas de que temos direito a estabelecer essa dicotomia. A expressão da disposição inata não está sujeita, de fato, a quaisquer reservas críticas, mas a experiência analítica praticamente nos obriga a presumir que vivências puramente casuais são capazes de deixar fixações na libido (Freud, 1999a, p. 375).

Freud nunca negou que havia fatores "constitutivos" (hoje diríamos: genéticos) na causação das neuroses. No entanto, desde que passou a se ocupar metodicamente com pacientes neuropáticos, afirmava que as teorias da hereditariedade e da degenerescência eram insuficientes para explicar exaustivamente a formação de sintomas e as suas características principais. Para ele, algumas das vivências da *infância* contariam entre os fatores patogênicos mais importantes, o que tornava possível colocar em comunicação teórica e metodológica as áreas da psicanálise, de um lado, e da pedagogia, de outro.

A possibilidade de a *educação* da criança ter importância, isto é, a possibilidade de a interferência no ambiente material (ou psíquico) da formação da criança possuir algum efeito em seu ajustamento (como oposição ao determinismo gerado pelas teorias da hereditariedade), repercutiu em um entusiasmo pela psicanálise por médicos legistas, psiquiatras e pedagogos em território europeu (como na Grã-Bretanha) (van der Horst, 2011) e no Brasil (Lima, 2006; Russo, 1998). No Brasil, a psicanálise se constituiu inicialmente em conjunto a um amálgama de disciplinas, como psiquiatria, medicina legal, criminologia, antropologia, educação, higiene e sexologia. Ainda de acordo com Russo (1998), a assimilação da teoria psicanalítica tomou corpo na época da República Velha como resposta ao anseio do processo civilizador do Brasil rumo ao progresso. A centralização na conduta materna e em uma função profilática da psicanálise também ganhou terreno no contexto posterior à

Segunda-Guerra em países como França e Inglaterra (Badinter, 1985; Donzelot, 1980; Zahra, 2011).

> Modificar a conduta da "criança-problema" exigia, em primeiro lugar, transformar a conduta de sua mãe, dos seus familiares e de sua professora. A partir da psicanálise, as transformações necessárias incluíam mudanças não apenas na maneira como o adulto lidava com a criança, mas também na forma como se relacionava consigo próprio, com a sua história de vida, com as lembranças que tinha de sua infância, de seus pais etc. Nesse sentido, o governo da "criança-problema" era inseparável do governo das famílias e das professoras (Lima, 2006, p. 147).

Trata-se de uma apropriação da psicanálise em campos, temas e aplicações aos quais Freud era alheio. No Brasil, podemos citar nomes como o de Arthur Ramos (Lima, 2006) e Júlio Porto-Carrero (Russo, 1998), e na Europa os de Françoise Dolto, John Bowlby e Susan Isaacs (Badinter, 1985; van der Horst, 2011). Dentre esses autores o de John Bowlby nos chama a atenção pela persistência de conceitos derivados de sua teoria do apego[3] em documentos nacionais e internacionais sobre a infância. Inicialmente a proposta de Bowlby da importância das primeiras relações entre mãe e bebê eram pautadas pela abordagem psicanalítica. Ele mesmo era um psiquiatra integrante da Sociedade de Psicanálise Britânica (van der Horst, 2011). No entanto, algumas das bases teóricas e conceituais da teoria do apego (em especial a *etologia*) se situam abertamente fora da psicanálise, fato que o próprio Bowlby reconhece quando inicia suas proposições sobre o vínculo mãe-bebê (Bowlby, 1958); aliás, essa descoberta da etologia constituiu uma espécie de "ponto de virada" para Bowlby, a partir do qual ele pôde conferir

[3] Particularmente conceitos como o de "cuidado sensitivo" e a formação do apego em si. Conferir, por exemplo, o documento da World Health Organization (2018) "*Nurturing care for early childhood development: A framework for helping children survive and thrive to transform health and human potential*" e os documentos nacionais "*Guia de acolhimento Familiar*" (Brasil, 2022) e "*Atenção Humanizada ao Recém-Nascido. Método Canguru Manual Técnico*" (Brasil, 2017).

mais "cientificidade" à sua teoria (van der Horst, 2011). Com isso, as relações entre a teoria do apego e a psicanálise freudiana se tornaram um importante objeto de debate, e não há consenso entre os especialistas, por exemplo, sobre se a teoria do apego realmente se filia ou não ao campo psicanalítico.

Em um trabalho anterior enunciamos, sem nos aprofundarmos, o problema da posição ambígua de John Bowlby perante a psicanálise freudiana (Neder; Souza, 2024). Nesse trabalho, demonstramos como, ao longo do tempo, os conceitos da teoria de Bowlby foram se afastando cada vez mais da psicanálise, ainda que, perto da morte Bowlby, alegasse a filiação de sua teoria à psicanálise freudiana (Bowlby, 1981). No presente estudo intentamos abordar a relação entre Bowlby e a psicanálise de uma outra perspectiva: a da leitura realizada por Bowlby da teoria freudiana no que concerne à proposição da natureza e do desenvolvimento da relação inicial entre a mãe e o bebê e, por consequente, da educação de bebês. Focaremos em um tema central da teoria de Bowlby, situado pelo autor como influenciado pela teoria freudiana do mesmo objeto: trata-se das formulações sobre a separação da figura materna e sua periculosidade para o desenvolvimento socioemocional da criança (Bowlby, 1960, 1973). Trata-se, pois, de um trabalho de cotejo, por meio do qual a teoria de Bowlby e a psicanálise de Freud serão colocadas lado a lado; desse modo, teremos acesso às concepções de *primeira infância* e de *educação* desenvolvidas e elaboradas pelos nossos dois autores.

Reformulando a teoria freudiana do instinto (*trieb*): apego e separação

Antes de alcançarmos o cerne de nossa questão, discorreremos sucintamente sobre a proposição de Bowlby de reformular a teoria do instinto (*trieb*) freudiana[4] de modo a lhe conferir maior cientificidade ao incorporar dados da etologia e de teorias da informação em suas formulações. A principal crítica de Bowlby recai sobre a natureza do

[4] A tradução de "*trieb*", como se sabe, é das mais espinhosas querelas tradutórias no campo freudiano. Como Bowlby utilizava a *Standard Edition* das obras de Freud, o termo utilizado por ele é "*instinct*", e por isso também o empregaremos.

vínculo que liga o recém-nascido à sua mãe; eis o que ele diz sobre a teoria freudiana: "proponho chamá-la de teoria do *Impulso Secundário*, terminologia derivada da Teoria da Aprendizagem. Ela também tem sido chamada de teoria das relações objetais do amor interesseiro [*cupboard-love*]" (Bowlby, 1958, p. 350, tradução nossa[5]). Bowlby resume aqui aquilo que se costumou chamar de *teoria freudiana do apoio* (*Anlehnung*), segundo a qual impulsos sexuais, eróticos e afetivos têm sua origem na satisfação de necessidades básicas, sobretudo a alimentação.

Nesse quesito, Bowlby tem razão: para Freud, a sexualidade infantil só existe *apoiando-se* nas necessidades corpóreas incontornáveis. Lemos, em 1905, "de início, a satisfação da zona erógena provavelmente estava associada à satisfação das necessidades alimentares. A atividade sexual primeiro se apoia em uma das funções que servem para a manutenção da vida, e somente mais tarde se torna independente delas" (Freud, 1999b, p. 82). Essa mesma hipótese é reafirmada com todas as letras em 1917: "os primeiros impulsos da sexualidade mostram-se, no lactente, em apoio [*Anlehnung*] em outras funções vitais. Seu principal interesse é, como vocês sabem, direcionado para a ingestão de alimentos" (Freud, 1999c, p. 323). Aqui vemos como, para Freud, o principal interesse de um recém-nascido é satisfazer suas necessidades nutritivas – opinião categoricamente criticada por Bowlby: "embora a hipótese [aqui] desenvolvida incorpore as teorias da *Sucção primária do objeto* e do *Agarrar-se primário ao objeto*, ela é essencialmente diferente da teoria do *Impulso secundário* [nome dado por Bowlby à hipótese freudiana]" (Bowlby, 1958, p. 351). Em 1960, Bowlby retoma as hipóteses apresentadas em 1958, fazendo um novo resumo delas:

> Nele [no artigo de 1958] eu desenvolvi o ponto de vista de que, em vez de um vínculo ser motivado por um impulso secundário ou ser totalmente baseado em oralidade, que são os pontos de vista mais comumente defendidos hoje, ele pode ser mediado por um número de sistemas de respostas instintuais que são parcialmente independentes uns dos outros e cuja atividade cresce e

[5] Todas as traduções de textos em outras línguas são de responsabilidade dos autores.

> decresce em diferentes períodos da vida do infante e da criança. Eu sugeri que, ao concentrar a atenção muito estreitamente seja na satisfação de necessidades "fisiológicas" (por exemplo de comida e calor), seja na oralidade, muitas teorias psicanalíticas podem ter levado a ver a imagem como um todo fora de perspectiva; e que outras respostas, particularmente as de agarrar [*clinging*] e de seguir, que parecem atingir seu zênite nos segundo e terceiro anos, exigem muito mais atenção da que lhes foi dada até agora (Bowlby, 1960, p. 89).

Em *Apego*, Bowlby (1982, p. 224) volta a afirmar seu ponto:

> Uma vez que todas as evidências sugerem que, em qualquer seja a forma em que é sustentada, a teoria do impulso secundário da ligação da criança é errada e que, mesmo em mamíferos, a comida desempenha apenas uma parte marginal no desenvolvimento e manutenção do comportamento de apego, a função da ligação da criança à sua mãe de ser reconsiderada.

Como vimos, grande parte da sua teorização a respeito do vínculo primário mãe-bebê pode ser vista como uma grande crítica à teoria do "impulso secundário": como é sabido, de acordo com a teoria do apego o primeiro vínculo de um ser humano com outro ser humano *não é motivado* pela satisfação da fome e outras necessidades corpóreas. Isso é afirmado com todas as letras em 1958: "quanto mais eu contemplava as diversas evidências clínicas, tanto mais eu me tornava insatisfeito com os pontos de vista correntes na literatura psicanalítica e psicológica, e tanto mais eu me encontrava recorrendo [*turning*] por ajuda aos etólogos" (Bowlby, 1958, p. 351). Aqui encontramos um ponto crucial da fundação da teoria do apego: Bowlby, insatisfeito com as hipóteses psicanalíticas, recorre à etologia para dar conta dos dados empíricos.

Isso implicou, dentre outras coisas, uma revisão de seu vocabulário e de seu instrumental conceitual. Um dos conceitos freudianos a serem reavaliados e finalmente descartados por Bowlby é precisamente o de *trieb* ("instinto"):

> Minha razão para preferir o termo "resposta instintual" a "instinto" ou "instinto parcial" talvez fique clara. Em psicanálise, o termo "instinto" (uma infeliz tradução do alemão *Trieb*) tem sido usado para denotar uma força motivadora. O termo "resposta instintual", usado aqui, descreve algo muito diferente: ele denota um padrão observável de comportamento. Embora esse padrão resulte da ativação da estrutura (a qual, visto que sabemos perto de nada sobre sua base neurológica, é mais bem conceituada em termos puramente psíquicos), a questão da natureza e da origem da energia envolvida é deixada deliberadamente em aberto (Bowlby, 1958, p. 363).

Aqui a questão da "natureza e origem da energia" é deixada em aberto; já em *Apego*, como veremos, Bowlby descartará totalmente o vocabulário freudiano (instinto, princípio de prazer...). Fica claro, ademais, que ele *parte* da noção abstrata de "força motivante" ou "energia" *rumo* à noção de "padrão observável de comportamento". Mais um fator fundamental se nos descortina agora: Bowlby parte do campo conceitual freudiano, em que *instintos* são tidos como as causas mais basais dos pensamentos, afetos e condutas de um homem, para chegar a uma posição em que essa mesma categoria conceitual ("instintos") é tida como *redundante* e *enganosa*. A causa do fenômeno, de *interna* (portanto apenas dedutível), passou a *externa* (portanto legitimamente observável). Se em Freud o *trieb* é uma força *interna* atuante em todos os organismos vivos, subentendida em cada movimento vital de um ser humano, em Bowlby o *instinct* não vem senão acoplado a *response*: a "resposta instintual" é sempre um comportamento *observável* e, agora, trata-se não mais de compreender o jogo de forças subjacente aos fenômenos analisados (sonhos, sintomas, *lapsus linguae*), mas sim de compreender *que estímulos deflagram* e *que estímulos fazem cessar* essas respostas comportamentais *empiricamente observáveis*.

Esse trabalho conceitual sobre o *attachment* como substituto à "teoria do instinto freudiana" é feito de modo pormenorizado no primeiro volume da trilogia (que sabemos que se originou do artigo de 1958) (Bowlby, 1958, 1982). No segundo volume da trilogia (e em seu artigo de 1960, que baseou o

segundo volume), Bowlby apresentou a sua hipótese que une psicopatologias mais diversas à separação da figura materna (Bowlby, 1960, 1973). Bowlby (1973) o faz a partir de revisões do estudo sobre o tema. No primeiro capítulo Bowlby apresenta os resultados de pesquisas advindas de seu círculo mais próximo de trabalho e que corroboram sua hipótese. No capítulo três, Bowlby expõe estudos de terceiros, agora além dos do círculo da Tavistock, e que demonstram o mesmo efeito disruptivo em separações curtas como na frequência a creches. Já no capítulo quatro, ele descreve fenômenos disruptivos análogos da separação da figura materna na tenra infância em primatas não humanos (Bowlby, 1973).

No segundo capítulo, nosso foco aqui, Bowlby retoma a teoria freudiana e realiza uma leitura do que ele denomina como as formulações de Freud acerca da "ansiedade de separação", principalmente em *Inibição, Sintoma e Angústia*[6], de modo a elucidar "o lugar ocupado pela separação e pela perda na psicopatologia". Sua intenção é partir da descrição do funcionamento das primeiras fases da "personalidade" para, então, tecer conclusões sobre efeitos posteriores da separação da figura materna na tenra infância, o que ele denomina como método psicanalítico. Em suas palavras, seu objetivo é "descrever certos padrões de resposta que ocorrem regularmente na primeira infância e daí traçar como padrões similares de respostas devem ser discernidos no funcionamento posterior da personalidade" (Bowlby, 1973, p. 26).

Bowlby (1973) inicia sua exposição com a afirmação de que desde a morte de Freud as teorias da defesa e ansiedade permaneceram como alicerces da psicopatologia psicanalítica. Na leitura de Bowlby (1973, p. 25), nos trabalhos inicias de Freud não existiam indícios de que a "a ansiedade surge da perda ou ameaça de perda, ou que processos defensivos são evocados em

[6] O termo alemão, constante do título do ensaio de Freud, é "*angst*". Trata-se de um termo polissêmico, geralmente traduzido por "angústia" ou "ansiedade", e podendo significar inclusive "medo", a depender do contexto. A versão *Standard* das obras de Freud traduz o termo por "anxiety", ao passo que, no Brasil, prefere-se traduzi-lo por "angústia". É importante, pois, relembrar que os termos "angústia" e "ansiedade", apesar de não serem semanticamente idênticos em nossa língua, denominam, no nosso texto, o mesmo conceito freudiano, em virtude dessa dificuldade de tradução.

condições de ansiedade intensa"[7]. Para o autor, Freud teria chegado a essa conclusão apenas ao fim da vida, mais particularmente em *Inibição, Sintoma e Angústia*, ensaio de 1926, quando o autor era já septuagenário. O reconhecimento tardio decorreria do fato de que, ao longo de sua vida, Freud teria empregado teorias "radicalmente diferentes" no que concerne aos temas da ansiedade, defesa e luto. Todas elas baseadas em um método único de pesquisa: o estudo de uma personalidade já desenvolvida a partir de um método retrospectivo (o método clínico).

Segundo Bowlby, a ordem invertida, a retrospecção clínica, seria a responsável pela pouca importância atribuída ao fator concreto da periculosidade das separações da figura materna pelos psicanalistas. O método retrospectivo também seria o responsável pela "descoberta" por Freud desse fator apenas em 1926:

> Da mesma forma no caso da ansiedade de separação: embora nos Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905b) ele tenha dado a isso um parágrafo (SE 7: 224) e nas Palestras Introdutórias (1917b) três páginas (SE 16: 405 408), só em 1926 é que, na sua última obra revolucionária, Inibições, Sintomas e Ansiedade, ele lhe concedeu o lugar central no que viria a ser a sua teoria final da ansiedade. 'Sentir falta de alguém que é amado e

[7] Em contrapartida, Bowlby (1973, p. 32) cita que: "como Strachey tornou aparente em sua introdução à Standard Edition de *Inibição, Sintoma e Angústia* (SE 20: 77-86), daquele tempo em diante a ansiedade manifestada por uma criança pequena quando separada de sua mãe está constantemente nos pensamentos de Freud e ele retorna a isso repetidamente sempre que ele faz uma nova tentativa de resolver o problema da ansiedade". Ao retomarmos o texto de Strachey não há menção à informação evocada por Bowlby, o que Strachey diz, na verdade, limita-se à importância do tema da ansiedade na obra de Freud, e de sua diferenciação entre ansiedade, dor e luto. Como pode-se notar: "no entanto, é verdade que – apesar de questões secundárias tão importantes como as diferentes classes de resistência, a distinção entre ansiedade, dor e luto – o problema da ansiedade é o seu tema principal. Uma olhada na lista apresentada no Apêndice B (p. 175 abaixo) será suficiente para mostrar como ela esteve constantemente presente na mente de Freud, do início ao fim de seus estudos psicológicos" (Stratchey, 1964, p. 78). Retenhamos o acréscimo de Bowlby do fator "perda da figura materna como causadora de ansiedade" no comentário de Strachey, que não pôde ser por nós localizado na leitura do original citado por Bowlby.

> desejado', afirma ele, é 'a chave para a compreensão da ansiedade' (SE 20: 136-7) (Bowlby, 1973, p. 27).

Bowlby (1973) vai além: "só aos setenta anos ele percebeu claramente a separação e a perda como a principal fonte dos processos aos quais dedicou metade de sua vida de estudo. Mas a essa altura outras de suas ideias já estavam firmemente estabelecidas" (Bowlby, 1973, p. 28). Portanto, no fim da vida Freud teria chegado à conclusão de que a etiologia das psicopatologias neuróticas, à qual dedicou toda sua vida, havia de ser remetida ao problema da separação e perda.

> [...] naquele livro, escrito no final da sua vida profissional, ele lutava para se libertar da perspectiva das suas viagens – defesa, luto, ansiedade de separação – e em vez disso ver a sequência a partir do seu novo ponto de vista: a prioridade da ansiedade de separação. Nas suas páginas finais ele traça um novo caminho: a ansiedade é a reação ao perigo de perder o objeto, a dor do luto é a reação à perda real do objeto, e a defesa é um modo de lidar com a ansiedade e a dor (Bowlby, 1973, p. 29).

Bowlby (1973) endossa sua tese ao dizer que relatos clínicos demonstravam a relação entre experiências de separação e perda na tenra infância e à etiologia de condições clínicas distintas: "começando com os textos iniciais de Freud sobre a histeria" (Bowlby, 1973, p. 30) e, em sua atualidade, uma gama mais extensa de estudos inspirados pelo método psicanalítico ou do campo da psicanálise[8]. Nesse último ponto, Bowlby, de fato, tem razão: historiadores da psicologia e da estudiosos da temática infância/maternidade já indicaram que a ideia do trauma como oriundo da separação da figura materna na tenra infância e dos malefícios socioemocionais de um cuidado materno inadequado no mesmo período ganhou muita importância no contexto posterior à Segunda Guerra Mundial (Badinter, 1985; Donzelot, 1980; Rose, 1999; Urwin; Sharland,

[8] Cf. Bowlby (1973, p. 28-29).

1991; Zahra, 2011). No entanto, contrariamente ao que Bowlby afirma (1973), não julgamos acertada a asserção de que esse tipo de proposição se encontra explicitamente em Freud, nem de que esse seja de fato um *problema* dentro da teoria freudiana, tal como a teoria do apego o concebe e o enfrenta cientificamente.

Cotejaremos as afirmações de Bowlby com as de Freud, a fim de analisar a leitura que Bowlby faz de Freud no que tange ao tema da ansiedade (ou angústia) de separação, em específico a separação da figura materna. Os resultados desse trabalho de cotejo, que serão mais bem desenvolvidos e evidenciados nas páginas seguintes, podem ser resumidos nas seguintes proposições: não existe, na obra de Freud, menção à ansiedade de separação como uma doença clínica, nem como a causa principal de psicopatologias, que Bowlby imputa a esse termo; *Inibição, sintoma e angústia* não é um texto sobre a relação entre angústia e a separação da figura materna; a separação da figura materna não é uma variável primária considerada por Freud em seus estudos etiológicos; a etiologia freudiana é muito mais complexa do que a esboçada por Bowlby; e Freud não encontrou no fator "separação da figura materna" a resolução das investigações etiológicas de toda uma vida.

Angústia de separação ou angústia por tensão instintual?

Comecemos pela asserção de Bowlby, já citada, a respeito da alteração da teoria freudiana da angústia (ou ansiedade), de 1926:

> […] somente em 1926 em seu revolucionário trabalho tardio *Inhibitions, Symptoms and Anxiety* ele concedeu lugar central no que seria sua teoria final da ansiedade. "Sentir falta de alguém que é amado e esperado", ele então afirma, é a "chave para a compreensão da ansiedade" (SE 20:136-7) (Bowlby, 1973, p. 27).

Aqui, Bowlby abstrai a afirmação de Freud do seu contexto, dando a entender que, para Freud, a situação de "sentir falta de alguém que se

ama" *é* a "chave" para se entender a ansiedade (Bowlby, 1973). É como se Freud tivesse resolvido o problema da ansiedade com a situação paradigmática da pessoa que sente falta de outra – e essa mesma situação, nós sabemos, é realmente paradigmática para uma outra teoria, a teoria bowlbyana do apego, não por coincidência.

Ora, quando se vai ao texto de Freud, percebe-se que esse não é o caso. Após tratar das inibições e sintomas neuróticos (ainda concebidos por Freud como um retorno de pensamentos eróticos – ideias, memórias, fantasias – reprimidos), ele realmente revisa e reformula sua concepção do afeto da *angst*. Até 1926, como se sabe, Freud concebera a angústia (ou ansiedade) como uma descarga *a posteriori* de quantidades de energia reprimida; assim, a libido vinculada a um pensamento reprimido, por exemplo, poderia, anos depois, externar-se sob a forma da angústia. Nessa linha de raciocínio, a repressão precederia a angústia. Em 1926, Freud alterna essa relação com base numa revisão extensa dos casos do pequeno Hans e do Homem dos Lobos, argumentando que o motivo principal para que a repressão seja efetuada pelo eu é precisamente a reação afetiva *normal* em casos de perigo – essa reação é justamente a angústia (*angst*). Nesse novo raciocínio, a angústia é que precede a repressão. Para os casos de fobia, por exemplo, Freud afirma que "a postura angustiada do eu é sempre o fato primário e o instigador da repressão. A angústia jamais provém da libido reprimida" (Freud, 1999d, p. 138). Mais adiante, essa afirmação será tomada como válida universalmente, e a hipótese da angústia com conversão da libido reprimida será primeiro questionada, em 1926, e finalmente abandonada, em 1933.

Agora, na continuação de *Inibição, Sintoma e Angústia*, trata-se de delimitar melhor, do ponto de vista conceitual, o que é a angústia. Primeiramente, Freud parte da fisiologia da angústia, concluindo que ela é um afeto desprazível, que contém descargas (alterações cardíacas e respiratórias) e percepções delas (Freud, 1999d, p. 163). Em seguida, Freud parte para o entendimento *psíquico* e *dinâmico* desse afeto, e conclui que a angústia é a reação afetiva normal a uma situação de *perigo* (Freud, 1999d, p. 164): ou ela é a reação "automática" frente a um perigo

existente, ou ela é a um "sinal" que tenta antecipar um perigo iminente ou possível, de forma que o organismo possa se proteger dele (Freud, 1999d, p. 165). É nesse contexto que se insere a frase de Freud citada por Bowlby, pois agora é preciso entender mais exatamente o que configura um *perigo* para o organismo humano, cuja reação é a angústia. Para isso, Freud se volta a certas situações da infância que são compreensíveis.

> Assim, quando a criança está sozinha, na escuridão, e quando encontra uma pessoa estranha em vez da que lhe é familiar (a mãe). Esses três casos se reduzem a uma única condição, a falta da pessoa amada (ansiada). A partir daí, porém, está livre o caminho para o entendimento da angústia [*angst*] e para a resolução das contradições que parecem ligar-se a ela (Freud, 1999d, p. 167).

Ou seja, no texto original, em alemão, não há "chave" alguma. A "chave" está na tradução inglesa de Strachey, que trocou a metáfora da "abertura do caminho" pela da "abertura da porta", que não são exatamente equiparáveis. De toda forma, o mais importante a ser notado é que Freud apenas usa esses fenômenos *por serem eles mais compreensíveis*, a fim de ampliar e refinar a compreensão *geral* da angústia. Prova disso é que, nas páginas seguintes a essa frase, Freud refina ainda mais essa situação (de sentir a falta de alguém), analisando-a e extraindo dela os elementos que lhe parecem necessários para sua teorização:

> Se o bebê exige a percepção da mãe, isso somente ocorre porque ele já sabe por experiência que ela satisfaz sem demora todas as suas necessidades. A situação que ele avalia como "perigo", contra a qual quer estar garantido, é portanto a da insatisfação, do *aumento da tensão gerada pela necessidade*, contra a qual ele é impotente (Freud, 1999d, p. 168).

Assim, para Freud não é o "estar sozinho" em si que importa, mas sim o *aumento da tensão gerada pela necessidade*, ou seja, pela ação dos *triebe* (instintos, impulsos) no organismo desamparado, que não consegue

satisfazer a eles autonomamente. A "solidão" da criança, que dá pela falta da mãe ou de qualquer pessoa amada, não é, em Freud, uma situação paradigmática. Se a criança sente falta da mãe, é porque ela lhe é importante – ou mesmo essencial – para a satisfação de suas imperiosas necessidades orgânicas.

No extenso raciocínio de Freud sobre a situação em que a angústia é ativada, a separação ou perda da mãe jamais equivale em si ao "perigo", mas sim à "situação econômica" gerada pela solidão; assim, o organismo *aprende* que ficar sozinho, *sem o objeto*, equivale a estar em perigo. Isso, para Freud, é fruto de um deslocamento:

> Com a experiência de que um objeto exterior, apreensível pela percepção, pode dar fim a uma situação perigosa [...], agora o conteúdo do perigo se desloca da situação econômica para sua condição, a perda do objeto. A falta da mãe se torna agora o perigo, em cujo surgimento o bebê emite o sinal de angústia [*Angstsignal*], ainda antes que a temida situação econômica tenha se iniciado. Essa transformação significa um primeiro grande avanço no cuidado pela autoconservação, e ao mesmo tempo embarca a transição do ressurgimento automático e involuntário da angústia para a sua deliberada reprodução como sinal de perigo (Freud, 1999d, p. 168).

Com a *angst* em sua condição de "sinal de perigo", pois, o organismo se *antecipa* ao perigo, e é capaz de *prevenir-se*, de *precaver-se* contra a sua chegada. Assim, na teoria freudiana a ansiedade não é apenas *normal*, mas também *saudável*: trata-se de um mecanismo afetivo de *proteção*, que, apesar de poder tornar-se patológico (um sintoma ou uma condição crônica), é inicialmente muito importante para o organismo humano em desenvolvimento. Prova disso é que, em 1920, é justamente a *ausência* de "angústia" o que caracteriza um *trauma*, ou melhor, o que fornece a condição afetiva para o estabelecimento do "terror" (*Schreck*) sentido quando do trauma: o organismo não estava preparado para o

perigo, e assim sua irrupção foi altamente surpreendente para ele, incapaz então de reagir adequadamente (Freud, 1999e, p. 10).

Ademais, convém novamente relembrar que, na concepção freudiana, a *Angst* é um afeto sentido no eu (como todos os outros afetos), mas sua *condição metapsicológica* consiste em processos psíquicos – inconscientes – existentes no ID: "ocorre muito frequentemente que no id se preparem ou se consumem processos que fornecem ao eu o ensejo ao desenvolvimento da angústia" (Freud, 1999d, p. 171). O ID, como é sabido, é a instância psíquica totalmente inconsciente, transitiva entre o puramente corpóreo e o psíquico consciente; é nele que se perpetuam processos psíquicos alheios à consciência concernentes a investimentos de *triebe* em ideias (*vorstellungen*) como memórias e fantasias, ou seja, processos de ordem *quantitativa* e *energética*. Não em vão, mais à frente Freud diz que, para o caso da perda do amor do objeto, a *condição* para que a criança avalie certas situações como perigosas é precisamente a pré-existência de *impulsos* e *desejos* direcionados ou associados a esse objeto: "assim esses impulsos instintuais se tornam condições para o perigo externo e, com isso, perigosos eles mesmos; e podemos agora combater o perigo externo mediante medidas contra perigos internos" (Freud, 1999d, p. 177). É o caso da criança que deseja a morte de seu irmãozinho, mas que aprende que esse desejo é malquisto pelo pai e pode até mesmo ser castigado. Para se precaver contra o perigo *externo*, a criança sente seus *impulsos internos* como perigosos, e pode defender-se contra eles (pela repressão, por exemplo). Nota-se, assim, como para Freud a relação entre o interno e o externo é extremamente complexa no que concerne à angústia; de fato, a angústia como sinal é um meio que o organismo possui para regular-se diante dos diversos perigos que a vida lhe introduz. No caso do recém-nascido, por outro lado, é o perigo externo (a falta da mãe) quem toma o lugar do perigo interno (necessidades insatisfeitas), sendo a angústia liberada quando a situação secundária (a falta da mãe) ocorre.

É importante notar que Bowlby, ao reler Freud, basicamente ignora todo esse contexto da nova teoria freudiana da angústia. Na parte final de *Separação*, ao retomar as concepções de outros autores (Freud aí

incluso), ele realmente cita alguns dos trechos que acabamos de analisar, mas conclui simplesmente que algumas reflexões de Freud "sugerem que, aproximando-se do fim de sua vida, Freud caminhava no sentido de uma formulação não muito distante da apresentada aqui" (Bowlby, 1973, p. 383). Como se pode notar, essa é uma releitura parcial de Freud, visto que este jamais deixou de ver nos *triebe* (os instintos ou impulsos naturais do organismo) o elemento primário de uma análise metapsicológica dos fenômenos perquiridos.

Perda e separação são causas diretas das neuroses?

A centralidade do *trieb* e do modelo energético fica bastante evidente quando comparamos a concepção freudiana do *recém-nascido* com a de Bowlby, particularmente quando se trata do estatuto do *desamparo biológico do recém-nascido* em ambas as teorias. Como se pode notar, Freud e Bowlby incorporam em suas teorias o impacto gerado pelo desamparo biológico do bebê humano no desenvolvimento. No entanto, quando analisadas de modo sistemático, as teses dos dois autores a respeito dos recém-nascidos revelam-se distantes em pontos fundamentais.

Em Bowlby, o bebê é um organismo biologicamente desamparado, e seu vínculo com a mãe possui uma função evolutiva, de modo a permitir que ele sobreviva na medida em que ela lhe conferira proximidade física, suporte físico e emocional, em suma, *segurança*, e não apenas lhe satisfaça necessidades fisiológicas como a sede e a fome. Trata-se de uma organização biológica, a partir de sistemas comportamentais que regulam a interação do bebê com o seu entorno. O sistema comportamental de apego é concebido como um sistema que regula a proximidade física do bebê, desde o seu primeiro dia de vida, a uma figura de apego (usualmente a mãe) (Bowlby, 1982).

A ativação do sistema de apego e a regulação da proximidade entre bebê dá-se, sucintamente, da seguinte forma. Em um primeiro momento, dados sensoriais atingem o sistema nervoso do bebê: trata-se de *inputs*

sensoriais de origem interna (o funcionamento do sistema pelo mecanismo de *feedback*[9], atividade hormonal, estado vigente da atividade do sistema nervoso) e externa (a ausência ou presença de objetos e pessoas no ambiente, e a estimulação externa em dado momento). Nesse momento, os *inputs* são avaliados e interpretados em termos de agradável/desagradável, perigoso/inofensivo. Dessa forma, em momentos em que os *inputs* sobre a condição de si mesmo (fadiga, fome, doença, frio, dor etc.), o paradeiro da figura de apego (ausente/presente) e/ou condições do ambiente (ocorrência de eventos alarmantes, refeições por outros adultos/crianças etc.) forem interpretados como *desagradáveis* ou *perigosos*, dá-se a ativação do sistema comportamental de apego, e o bebê emite os *comportamentos mediadores de apego* em vista de atrair ou manter a proximidade com a figura de apego, responsável pela manutenção de sua segurança[10] (Bowlby, 1982).

Para Bowlby, todo o funcionamento do adulto será um reflexo do desenvolvimento adequado de um padrão interativo saudável (padrão de apego) entre o bebê e sua figura de apego[11] durante o período sensível de

---

[9] "A característica especial que habilita uma máquina a se comportar de um modo proposital [*in a purposive way*], no sentido de atingir um objetivo predeterminado por meios versáteis é o feedback. Este é simplesmente um processo por meio do qual os efeitos reais do desempenho são continuamente relatados em um aparelho onde são comparados com qualquer instrução inicial que a máquina recebeu; a ação seguinte da máquina é então determinada pelos resultados desta comparação e os efeitos de sua performance são, então, cada vez mais aproximados da instrução inicial" (Bowlby, 1982, p. 41-42).

[10] Esses comportamentos de apego são divididos em duas classes principais pelo autor: a de assinalamento, que compreende a vocalização, sorriso, balbucio, choro, etc. com o intuito de atrair a figura de apego; e a de aproximação, em que há uma regulação ativa da proximidade, ao engatinhar ou apontar na relação com a figura de apego (Bowlby, 1982).

[11] Com raras exceções (uma aparecerá mais à frente), Bowlby se refere de maneira majoritária à figura de apego como a mãe ou a mãe substituta. Ao pai é relegado um papel secundário: "a razão para isso é que quase toda a evidência diz respeito à relação da criança com sua mãe, a qual é sem dúvida em circunstâncias comuns de longe sua mais importante relação durante esses anos. É ela que o alimenta e o limpa, o mantém aquecido, e o conforta. [...] Aos olhos da criança o pai está em segundo plano e o seu valor aumenta apenas quando a vulnerabilidade da criança à privação diminui. De qualquer forma, como crianças ilegítimas sabem, pais possuem seus usos mesmo na primeira infância. Eles não apenas provêm para que suas esposas se devotem irrestritamente ao cuidado do bebê e criança pequena, mas [também] ao prover amor companhia [para a mãe]" (Bowlby, 1952,

desenvolvimento, isto é, durante os três primeiros anos de vida. Trata-se do estabelecimento de uma *base segura* na relação com a figura de apego, isto é, ela se torna uma referência que intermedeia a exploração do bebê, uma referência para a qual ele retorna em situações de medo, angústia e perigo (quando o sistema de apego é ativado (Bowlby, 1969/1982). Tal base segura, por fim, seria erigida a partir das experiências de acessibilidade/inacessibilidade, de presença/ausência, com relação à figura de apego (Bowlby, 1973). Para além disso, dependerá da *sensitividade* do cuidado prestado nos momentos em que o sistema comportamental de apego estiver ativo: não basta a presença física da figura de apego. Essa sensitividade da figura de apego é definida pelo autor em termos de algo além da acessibilidade:

> Não só uma figura de apego deve ser acessível, mas ele, ou ela, deve estar disposta a responder de forma adequada; em relação a alguém que tem medo isso significa disposição para agir como consolador e protetor. Somente quando uma figura de anexo é ao mesmo tempo acessível e potencialmente responsivo, pode-se dizer que ele ou ela está verdadeiramente disponível (Bowlby, 1973, p. 201-202).

Será a partir do cuidado adequado e, por seu turno, dessas experiências de acessibilidade e inacessibilidade da figura de apego (e do consequente grau de suscetibilidade ao medo provocado por situações estranhas) que o bebê construirá *modelos funcionais* do *self* e da figura de apego (Bowlby, 1973).

Esses modelos representacionais do *self* e da figura de apego seriam formados ao longo de um *período crítico*, que abrangeria os primeiros anos de vida e resultariam na constituição de um *apego seguro* ou *inseguro*. O modelo de apego desenvolvido a partir dessas relações primevas seria a base para todas as relações posteriores que esse indivíduo viesse a estabelecer (Bowlby, 1973). Nesse raciocínio, as experiências de

p. 13, tradução nossa). Cf. também Bowlby (1952, p. 11, p. 86); Bowlby (1982); Bowlby (1973, p. xi-xv. p. 33-57); e Bowlby (1980, p. 397).

perda, separação, ameaça de perda, abandono, eventos causadores de estresse ou crise, e mesmo separações breves, são postulados como responsáveis por "desviar o desenvolvimento de um caminho que está dentro dos limites *optimum* para outro que talvez esteja fora deles" (Bowlby, 1973, p. 370).

Voltemo-nos a Freud, para ele (Freud, 1999d, p. 101), o bebê é também biologicamente *desamparado*, mas, apesar disso, esse desamparo não acarreta as mesmas consequências conceituais e ontogenéticas que as de Bowlby. Ele significa que o recém-nascido, tal como anteriormente, em seu estado fetal, depende de uma outra pessoa *para sobreviver*, e isso é praticamente sinônimo, para Freud, da *satisfação das necessidades orgânicas mais básicas*, que estão justamente *fora* do quadro conceitual de Bowlby. Ou seja, Bowlby retira o "instinto" de sua terminologia, com o fito de tornar mais científica a psicanálise, e, em sua leitura dos trechos freudianas de 1926, o "instinto" basicamente inexiste, como se Freud tivesse finalmente descoberto que "ansiedade" e "separação" podem ser pensados sem os "instintos" e as "necessidades orgânicas". Ora, não é esse o caso, como se nota claramente nas citações de Freud que destacamos anteriormente.

Ademais, a etiologia freudiana é demasiado complexa para ser reduzida a uma mera relação causal entre fatores universalmente determinados, como pode ser bem elucidado na sua noção de *equação etiológica*, conceito que Freud já descreve em 1895[12] e desenvolve com mais minúcia em 1917[13]. Em 1926, Freud volta à etiologia genérica das neuroses, e elenca *três fatores* universais que, segundo ele, condicionam o "privilégio" do ser humano em ser acometido por neuroses, que segundo

[12] "Creio que se torna possível representar as relações etiológicas, provavelmente muito complicadas, que existem na patologia das neuroses, se definirmos os seguintes conceitos etiológicos: a) *Precondição*, b) *causa específica,* c) *causa concorrente* e, como termo não equivalente ao anterior, d) *ocasião ou causa desencadeadora*" (Freud, 1999f, p. 371-372).

[13] Na 23ª das *Conferências Introdutórias*, Freud (1999a, p. 376) chega ao seguinte esquema: a "causação da neurose" consistiria numa combinação entre a "disposição por fixação da libido" (numa soma de "constituição sexual (vivência pré-histórica)" e "vivências infantis") e as "vivências acidentais (traumáticas)".

Freud é um distintivo da espécie humana. O "desamparo biológico" é o primeiro deles:

> A existência intrauterina do ser humano parece relativamente abreviada, em comparação à da maioria dos animais; ele é enviado ao mundo menos pronto do que eles. Com isso, a influência do mundo externo real é reforçada, a diferenciação do eu em relação ao id é precocemente promovida, os perigos do mundo externo têm sua importância elevada, e o valor do único objeto que pode proteger contra esses perigos e substituir a vida intrauterina perdida é enormemente aumentado. Esse fator biológico produz, portanto, as primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado, que nunca mais abandonará o ser humano (Freud, 1999d, p. 186-187).

O *desamparo psicológico*, que para Freud é o correlato psíquico do desamparo biológico, é elencado como outro fator: por causa dele, o aparelho psíquico humano é incapaz, no início de sua existência, de lidar efetivamente com *impulsos*, e reage a eles como se fossem *perigos*: nova evidência da importância dos *triebe* para o Freud de 1926. No entanto, é sobre o fator denominado como "filogenético" que recai a ênfase de Freud, isto é, na dualidade temporal da *vida sexual humana*: o fato de a sexualidade humana florescer na infância, mas passar por um longo período de inativação (o chamado período de latência), para reflorescer somente na puberdade (Freud, 1999d, p. 187).

> O significado patogênico desse fator decorre de que as exigências instintuais dessa sexualidade infantil são, na maioria, tratadas e rechaçadas pelo eu como perigos, de modo que os posteriores impulsos sexuais da puberdade, que deveriam ser conformes ao eu, correm o perigo de sucumbir à atração dos modelos infantis e ser reprimidos, tal como eles. Aqui, deparamos com a mais direta etiologia das neuroses. É digno de nota que o primeiro contato com as exigências da sexualidade atue, sobre o eu, de modo

> similar ao contato prematuro com o mundo externo (Freud, 1999d, p. 187).

Nesse ponto é possível estabelecer divergências entre vários pontos da leitura de Bowlby sobre Freud e os escritos freudianos. Aqui, em 1926, Freud diz com todas as letras que conflitos entre o eu e a sexualidade são a "etiologia mais direta das neuroses", algo que contraria a tese de Bowlby a respeito de *Inibição, sintoma e angústia*. Segundo Freud (1999b, p. 143), essa dificuldade do eu humano em lidar com os impulsos sexuais deriva de um fator filogenético (a dupla temporalidade do instinto sexual no homem), que se refere a uma hipótese avançada por Freud já em 1905. Ele é claramente eleito como o principal fator etiológico em 1926 e continuaria a ser defendido até o fim da vida de Freud, traçando novas hipóteses sobre ele em 1938 (1999g, p. 75). Portanto, a afirmação de que "só aos setenta anos ele percebeu claramente a separação e a perda como a principal fonte dos processos aos quais dedicou metade de sua vida de estudo" (Bowlby, 1973, p. 28), propagada sobre o Freud de 1926 por Bowlby, também não é acurada.

Se a preponderância no fator do desamparo biológico não se sustenta, muito menos se ampara nos dados freudianos a relação entre a separação da figura materna no início da vida e a etiologia. Aqui, convém retomarmos a leitura de Bowlby (1973, p. 30) de que relatos clínicos, "começando com os textos iniciais de Freud sobre a histeria"demonstravam a relação entre experiências de separação e perda na tenra infância e a etiologia de condições clínicas distintas. Em *Estudos Sobre a Histeria*, no caso de Elisabeth von R., o *tema* é mencionado por Freud. Trata-se de uma série de infortúnios vividos pela jovem de 24 anos em sua vida adulta: o pai adoeceu e ficou gravemente doente de uma cardiopatia e Elisabeth cuidou dele por um ano e meio até que ele viesse a falecer. Em um período curto Elisabeth também perdeu uma de suas irmãs recém-casadas e, além de lidar com os lutos, a jovem vira sua família envolvida em inúmeros conflitos relativos particularmente aos cunhados.

> Esta era, portanto, a história do sofrimento da jovem ambiciosa e carente de amor. Rancorosa com seu destino, amargurada com o fracasso de todos os seus pequenos planos de restabelecer o brilho da casa – as pessoas que amava, mortas, distantes ou afastadas –; sem inclinação a procurar um refúgio no amor de um homem desconhecido, ela vivia desde um ano e meio dos cuidados com sua mãe e suas dores, quase isolada de qualquer outro contato (Freud, 1999h, p. 206).

A abordagem que Freud (1999h, p. 207, grifos nossos) concede ao impacto da perda na etiologia da doença de Elisabeth carece de relevo:

> Para o médico, a confissão da paciente significou inicialmente uma grande decepção. Era de fato uma história clínica constituída de *abalos psíquicos banais*, a partir da qual não se esclarecia por que a pessoa afetada teve de adoecer de histeria nem por que a histeria tomara precisamente a forma da abasia dolorosa.

Trata-se, portanto, de eventos ruins, é fato, mas *banais*, isto é, que não fogem ao usual. Para a etiologia freudiana da histeria, são fenômenos de superfície em que não atuam aspectos referentes à repressão do afeto oriundo de eventos traumáticos ou de ideias conflitivas com a consciência. Freud (1999h, p. 205) salienta: "Elisabeth sofreu não apenas com a perda dessa irmã, que ela havia ternamente amado, mas também, quase em igual medida, com os pensamentos que essa morte suscitou e com as mudanças que ela trouxe consigo". Tais "pensamentos", como veremos, referem-se ao seu *cunhado*, que estava "livre" após a morte de sua esposa. Aí estaria o conflito psíquico, segundo Freud, e não na perda em si da irmã amada.

Uma outra situação vivida por Elisabeth forneceu luz à Freud: a interrupção dos cuidados contínuos que ela dedicava ao pai, durante sua doença, para uma reunião em que um jovem a acompanhara para a casa; ao voltar para casa, após se entreter com esse jovem, ela deparou com o pai doente, da qual se esquecera nesse ínterim.

> Nessa relação e na cena à qual levou, mencionada acima, eu devia então procurar a causação das primeiras dores histéricas. O contraste entre a felicidade que ela então se permitira e a miséria do pai, que encontrou em casa, produzira um conflito, um caso de incompatibilidade. O resultado do conflito foi que a representação erótica foi reprimida da associação e o afeto a ela aderido foi utilizado para aumentar ou reanimar uma dor corporalmente simultaneamente (ou pouco antes) presente. Era, pois, o mecanismo de uma conversão com o objetivo da defesa, tal como tratei detalhadamente noutro lugar (Freud, 1999h, p. 210).

Ou seja, não é (tão-somente) a perda da irmã ou a morte iminente do pai o que configura, para Freud, o elemento patogênico desse caso de histeria. Mais ainda, reiteramos que não se trata de uma relação causal simples, como no caso da separação materna breve e suscetibilidade a psicopatologias proposto por Bowlby. Pelo contrário, é necessário "um procedimento de remoção do material psíquico patogênico por camadas, que costumávamos comparar de bom grado à técnica de escavação de uma cidade soterrada" (Freud, 1999h, p. 201). para chegar à origem do sintoma. É o que Freud alcança no caso de Elisabeth von R., ao descobrir que a situação evocada com o jovem era apenas um fenômeno de superfície na doença. O parágrafo seguinte narra a cena recuperada por Freud durante o tratamento hipnótico, relacionada a certas dores (histéricas) que a paciente sentia ao *sentar-se*, dores aparentemente sem sentido algum:

> Uma outra cena, muito próxima da anterior no tempo, desempenhou um papel na ligação das dores com o *sentar*. Foi alguns dias depois; irmã e cunhado haviam já partido em viagem, ela se encontrava num humor excitado, ansioso, levantou-se cedo pela manhã, subiu uma pequena colina até um lugar que haviam visitado juntos com frequência e oferecia uma vista esplêndida e se sentou ali, absorta em seus pensamentos, sobre um banco de pedra. Seus pensamentos se referiram novamente ao seu isolamento, o destino de sua

> família, e o desejo cálido de tornar-se tão feliz como era sua irmã, confessou ela desta vez abertamente. Ela regressou dessa meditação matinal com dores violentas e, no entardecer do mesmo dia, tomou o banho após o qual as dores prorromperam de forma definitiva e duradoura (Freud, 1999h, p. 216).

O que leva sua paciente a fabricar sintomas é, na verdade, a repressão da "ideia erótica" que se vinculou a esses fatos, tanto no caso do jovem que a afastou dos cuidados do pai, mas principalmente no caso do cunhado, que despertara seu interesse sexual, reanimado então com a morte da irmã. Há para Freud, pois, uma circunscrição dos fatores etiológicos relativos à experiência de "perda" ou "separação" às suas relações com ideias eróticas e com sua repressão. Aqui, uma vez mais, a leitura de Bowlby se mostra enviesada. Sim, as pacientes de Freud, nos *Estudos Sobre a Histeria*, realmente sofrem com perdas ou mortes de entes queridos, mas isso jamais é considerado por Freud como um fator patogênico *per se*, mas apenas em sua relação com outros fatores – bem mais importantes e menos banais –, que concernem à rejeição, do campo da consciência, de pensamentos sexuais.

A ideia de "separação" ou "perda", portanto, não tem exatamente a mesma importância conceitual em Bowlby e em Freud. Para este, a separação não parece ser *a priori* patogênica, nem mesmo perniciosa. É um "fato banal", ao qual uma boa parte da humanidade reage com o afeto normal – embora penoso e persistente – do luto, ao passo que outros, pela dinâmica e organização de seu aparelho psíquico, podem reagir de modo patológico, até mesmo chegando à psicose (1999a). Mais essencial para a nossa discussão, contudo, é a importância da perda do objeto amoroso na primeira infância, período considerado tanto por Bowlby quanto por Freud como "crítico", isto é, como fundacional e essencial para a construção da personalidade de um organismo humano. O célebre caso do neto de Freud bastará para a nossa argumentação. Em 1920, como é sabido, Freud expõe a brincadeira *fort-da* do seu neto, que lançava um carretel com uma corda, emitindo um "o-o-o-o" (que os adultos interpretavam como a palavra *fort*, que designa algo ou alguém que "foi embora"), e o puxava de volta

exclamando “da!”, que em alemão significa “lá” ou “ali”. Freud interpreta a brincadeira como uma espécie de reencenação das longas ausências da mãe, que deixava a criança “sozinha” durante horas, com a qual o pequeno ser humano passava a ser *ativo* num evento que tinha de sofrer *passivamente* (1999e, p. 11-15). Toda essa brincadeira envolve, é evidente, a ausência da mãe, e isso não passou despercebido a Bowlby, que se volta para ela em 1973. É interessante comparar, numa breve análise textual, a descrição de Bowlby com a de Freud acerca do “mesmo objeto”. Este, a respeito de seu neto, escreve o seguinte:

> Mas ela [a criança] tinha uma boa relação com os pais e com a única criada e era elogiada por conta de seu caráter “comportado”. Ela não perturbada os pais durante a noite, acatava conscienciosamente as proibições de tocar nalguns objetos e de ir a alguns cômodos, e, acima de tudo, nunca chorava quando a mãe o deixava por horas, embora fosse ternamente apegada a essa mãe, que não apenas alimentara ela mesma a criança, mas também cuidara e tomara conta dela sem qualquer auxílio alheio (Freud, 1999e, p. 12).

Na proposição de Freud, a relação de “apego” (com muitas aspas) está posta por meio de uma conjunção *concessiva* (“*embora* fosse muito apegado a ela”), e Freud não qualifica negativamente o fato de o bebê não chorar na ausência da mãe, apenas o refere. Na realidade, para o avô isso parecia ser uma qualidade do neto, descrito como “educado”.

Na proposição de Bowlby, por outro lado, lê-se que “essa brincadeira simples, aliado ao fato de que o menino ‘era muito apegado à mãe’, levou Freud a uma ‘interpretação da brincadeira’” (Bowlby, 1973, p. 379). Ou seja, toda a construção sintática da oração freudiana é elidida, e o fato do “apego” do filho à mãe ganha inclusive, na reescrita de Bowlby, um certo valor heurístico, coisa que ele efetivamente não possui no texto freudiano[14]. É como se esse “apego” tivesse sido fundamental para a

[14] De acordo com Rutter (1979), *attachment* não se refere a um conceito único. Mesmo para a teoria do apego, o termo *attachment* se refere a três âmbitos distintos: apego como um

argumentação freudiana, sendo que a ênfase é posta pelo próprio Freud, antes, na "grande primeira conquista cultural" da criança, a renúncia instintual que a ausência da mãe acarreta – raciocínio muito similar, como se pode notar, aos avançados em 1926. Aqui, fica claro que Freud e Bowlby não descrevem o "mesmo objeto": Freud descreve, à sua maneira, uma série de fenômenos observados por ele mesmo, ao passo que Bowlby *reescreve* o texto freudiano, adulterando-o para os propósitos de *seu próprio texto*, de *sua própria teoria*. Isso fica bem claro na continuação do texto de Bowlby:

> Quão bem estabelecida foi essa conquista cultural nós nunca saberemos, mas se o neto de Freud seguiu o curso comum do desenvolvimento, é improvável que se tenha mantido. Há muitos bebês que são aptos a permitir que suas mães os deixam por uma hora ou mais sem chorar quando eles possuem dezoito meses, mas os quais nos meses subsequentes acham isso menos tolerável e podem fazer um grande alarde. Seja como for, a observação do incidente, e sem dúvida de outros semelhantes, parece ter esclarecido a percepção

sistema comportamental, o comportamento de apego (dimensão observável do sistema comportamental quando ativo), e a relação vincular/afetiva. Dispensa comentários que a dimensão aludida por Freud é a da relação do bebê com a mãe e ao fato de ambos serem próximos e de o menino demandar uma proximidade física constante com ela. Na citação supracitada, Freud efetivamente utiliza uma palavra (*anhängt*) que se pode traduzir por apego ou *attachment*. No entanto, encontramos Bowlby imputando a Freud o uso de sua palavra preferida, *attachment* (apego), mais de uma vez. Em 1958, Bowlby (1958) cita assim um trecho de Freud: "[…] igualmente um grande apego [*attachment*] à mãe" (p. 351). Ele menciona novamente essa mesma passagem, agregando: "é interessante notar que, apesar da sua adesão à teoria do *impulso secundário*, tanto Sigmund Freud quanto Anna Freud empregam o termo 'apego' [*attachment*]" (Bowlby, 1958, p. 371). Indo ao próprio texto freudiano, porém, encontramos apenas que, GW 14, p. 518, a palavra usada é "*Mutterbindung*" (ligação com a mãe) (Freud, 1931, p. 520): é a "*ebenso starken Mutterbindung*" (uma ligação igualmente forte) que antecede a "*Vaterabhängigkeit*" (dependência do pai). Em 1982, Bowlby cita novamente Freud a utilizar o termo "apego", ao falar da teoria do impulso secundário: "'*love has its origin in attachment to the satisfied need for nourishment*' (1940, S.E., 23, p. 188)". Trata-se de um trecho oriundo do inacabado *Esboço de Psicanálise*; assim, indo ao texto de Freud uma vez mais, nota-se que o termo original não é *apego*, mas sim *Anlehnung*, que significa "apoio": "o amor surge em apoio [*Anlehnung*] na necessidade satisfeita de alimentação" (Freud, 1999g, p. 115).

> de Freud sobre o vínculo da criança com a mãe e que a levou a refletir mais profundamente sobre a teoria da ansiedade [...] (Bowlby, 1973, p. 379-380).

A importância dessa citação não pode ser subestimada. Nela, há vários elementos pregnantes que permeiam a leitura que Bowlby faz de Freud. Primeiramente, nota-se como, para Bowlby, *não é normal que um bebê não chore na ausência de sua mãe*. O "comum" é o protesto, indicador de um padrão de apego já estabelecido. Como fizemos notar, esse raciocínio *não está presente no próprio texto freudiano*. Além disso, Bowlby assere com todas as letras que foi a "observação do mencionado incidente, e sem dúvida de outros semelhantes" o que "esclareceu a percepção de Freud quanto ao vínculo entre filho e mãe e levou-o a maior reflexão em torna da teoria da angústia". Ora, o que o texto freudiano de 1926 mostra não é exatamente isso. Não é difícil ver que Bowlby tenta aproximar a letra freudiana da sua, retratando a teoria freudiana quase como uma "precursora" malograda ou apenas rudimentar da teoria do apego.

Para que as relações entre a teoria freudiana e a teoria do apego possam ser estudadas com mais rigor e minúcia, é importante apontar as lacunas dessa aproximação operada por Bowlby. Depois de tudo que expusemos até agora, fica claro que "ansiedade de separação" *não é uma categoria nosológica em Freud*, diferentemente do que Bowlby quer por vezes fazer acreditar. Tampouco, Freud viu nela a resolução para o problema de uma vida inteira, como há de ter ficado claro para o leitor. O que a "separação" permite, tomada enquanto situação paradigmática por Freud, é um esclarecimento conceitual da noção, bem mais abrangente, de "angústia", que pode ou não ser suscitada por "separação" em sentido estrito.

O que caracteriza a necessidade de ser amado?

Como vimos, em Bowlby, a separação da figura materna e a ausência de um cuidado sensitivo são precursores do não estabelecimento de uma base segura e da formação de um apego inseguro. O apego

inseguro estaria relacionado a diversos tipos de psicopatologias e problemas comportamentais. Trata-se de uma ênfase em uma experiência de cuidado materno pautada em eventos concretos da interação entre a mãe e o bebê: interpretação acurada dos sinais do bebê (Bowlby, 1982, 1973), presença física constante, devoção e amor (Bowlby, 1952)[15].

Em Freud, em contrapartida, embora "cuidado", "proteção" e "amor" sejam fatores importantes na relação mãe-bebê, não se encontra a mesma correlação estabelecida por Bowlby. De um lado, já no fim da vida de Freud, no texto póstumo *Esboço de Psicanálise*, de 1938, a mãe aparece como a "primeira sedutora", isto é, aquela que, com seus cuidados manuais, erotiza o corpo do bebê; por outro lado, o desejo infantil é concebido por Freud como eminentemente insatisfatório ou insaciável, tornando-se inevitável, pois, que o bebê sinta angústia (ou ansiedade) no decorrer de seu desenvolvimento. Mesmo o "melhor" cuidado exercido pela mãe não é capaz de impedir a deflagração de afetos desprazíveis desse tipo:

> Esse primeiro objeto [o seio] se completa depois, tornando-se a pessoa da mãe, que não apenas nutre, mas também cuida e provoca muitas outras sensações corporais na criança, tanto prazerosas quanto desprazíveis. Nesse cuidado corporal, ela se torna a primeira sedutora da criança. Nessas duas relações se enraíza o ignificado único, incomparável, estabelecido de modo inalterável por toda a vida, da mãe, como o primeiro e mais forte objeto de amor, como modelo

[15] "Para este momento é suficiente dizer que o que se acredita ser essencial para a saúde mental é que o bebê e jovem criança deva vivenciar um relacionamento caloroso, íntimo e contínuo com sua mãe (ou mãe substituta permanente) no qual ambos encontrem satisfação e prazer. Dada essa relação, as emoções de ansiedade e culpa, que em excesso caracterizam doença mental, se desenvolverão de modo moderado e organizado. [...] É esta relação complexa, rica e *recompensadora* com a mãe nos primeiros anos, variada de incontáveis formas das relações com o pai e irmãos, que os psiquiatras infantis e muitos outros agora acreditam subjazer o desenvolvimento do caráter e da saúde mental. Um estado no qual a criança não tenha esse relacionado é chamado de *maternal deprivation*. Este é um termo geral cobrindo um número diferente de situações. Ainda, a criança sofre privação mesmo quando vivendo em uma casa com a mãe (ou mãe permanente substituta) se essa mãe não é apta para fornecer-lhe o loving care que uma criança pequena precisa" (Bowlby, 1952, p. 11).

> de todas as posteriores relações amorosas – em ambos os sexos. Nisso, a fundamentação filogenética predomina de tal forma sobre as vivências pessoas acidentais que não faz diferença alguma se a criança realmente mamou no peito ou foi nutrida com a mamadeira e jamais pôde gozar do carinho do carinho do cuidado materno. Em ambos os casos, seu desenvolvimento toma o mesmo caminho; no último caso, o anseio posterior talvez seja mais intenso. E, mesmo quando tiver sido alimentada no peito materno, a criança sempre levará consigo a convicção, após o desmame, de que a amamentação foi muito breve e muito pouca (Freud, 1999g, p. 115).

Isso nos leva, enfim, à questão do *amor*. Apesar de ser um termo importante na teoria dos nossos dois autores, ele muito claramente não possui o mesmo *sentido* para ambos. Para Bowlby, parece haver uma espécie de "cuidado" ou "amor" ideal, que consistiria numa presença "calorosa" e atenciosa da mãe, no melhor dos casos "24 horas por dia, 365 dias ao ano", pelo menos durante os primeiros anos de sua vida:

> Assim como o bebê precisa sentir que ele pertence à sua mãe, a mãe precisa sentir que ela pertence ao seu filho e é apenas quando ela tem a satisfação desse sentimento que é fácil para ela se devotar a ele. A provisão de atenção constante, dia e noite, sete dias por semana e 365 dias no ano, é possível apenas para uma mulher que obtém uma satisfação profunda ao ver sua criança crescer da fase de bebê, ao longo das muitas fases da infância, para se tornar um homem independente, ou mulher, e sabe que foi o seu cuidado que tornou isso possível (Bowlby, 1952, p. 67).

Poder-se-ia argumentar que o ponto de vista freudiano não é essencialmente diferente, visto que Freud (1999d, p. 187) diz em 1926, como já citamos, que o ser humano sofre, desde bebê, "a necessidade de ser amado, que jamais abandona o ser humano". Isso é consequência do "desamparo biológico" do bebê, que o torna inapto a sobreviver sozinho no início da vida – ou seja, nesse momento, é preciso que um outro o ame,

caso contrário ele viria a falecer. Mas "amor", em Freud, é um termo muito mais polissêmico e muito menos concreto do que em Bowlby, sendo essa uma das marcas da teoria freudiana, que concebe as neuroses como formas malogradas de amar. Em 1930, no *Mal-Estar na Cultura*, Freud analisa o "desleixo" da linguagem cotidiana em seu uso do termo "amor", quase o justificando e o utilizando como argumento para uma teoria "polissêmica" do amor:

> O desleixo da língua no uso da palavra "amor" encontra uma justificação genética. Nomeia-se amor a relação entre homem e mulher, que fundaram uma família com base em suas necessidades genitais, mas também os sentimentos positivos entre pais e filhos, entre os irmãos na família, embora tenhamos de descrever essa relação como amor inibido em sua meta, como ternura. O amor de meta inibida era originalmente amor plenamente sensual, e ainda o é no inconsciente do homem. Ambos, o amor plenamente sensual e o de meta inibida, vão além da família e produzem novos vínculos com pessoas até então alheias. O amor genital leva a novas formações de famílias, o de meta inibida leva a "amizades", que se tornam culturalmente importantes porque escapam a algumas restrições do amor genital, por exemplo a sua exclusividade. Mas a relação do amor com a cultura perde sua univocidade durante o desenvolvimento. Por um lado, o amor se contrapõe aos interesses da cultura, por outro lado a cultura ameaça o amor com limitações sensíveis (Freud, 1999i, p. 462).

Ou seja, para a teoria freudiana, assim como para a linguagem ordinária, a palavra "amor" pode se referir a objetos aparentemente distantes, como a amizade, o amor sensual, o amor materno, a adoração de ídolos, a relação entre pais e filhos, entre irmãos, e assim por diante. Qualquer "afeição" (mesmo a mais falha ou torta) pode ser chamada, com todo direito, de "amor". E isso, aliás, torna-se ainda mais complexo visto que, em Freud, o amor não é um afeto unívoco e simples. Prova disso é

que há, para ele, um tipo *narcísico* de amor, a partir do qual uma pessoa escolhe seu objeto amoroso *segundo a sua própria imagem* (ou segundo aquilo que o indivíduo foi no passado ou gostaria de ser, mas não é). Ora, o mais curioso é notar que um dos exemplos aventados por Freud desse amor narcísico não é outro senão o amor que os pais dispensam aos seus filhos: amar um filho, para Freud, é projetar nele uma série de fantasias frustradas, é desejar para ele aquilo que não se conseguiu em sua própria vida, é enxergar nele algo que ele não é, um ser perfeito, a ser protegido de todas as intempéries da existência. "O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é nada senão o narcisismo renascido dos pais" (Freud, 1999j, p. 158). O amor dos pais é *comovente*, quase *patético*; no fundo, é infantil e narcísico. Ademais, Freud reconhece o uso desse mesmo amor na "educação" dos filhos; essa educação "amorosa", contudo, também pode ter seus excessos:

> A *educação* pode ser descrita, sem hesitação, como uma estimulação à superação do princípio do prazer, à sua substituição pelo princípio da realidade; ela quer oferecer, portanto, um reforço [*nachhilfe*[16]] ao processo de desenvolvimento que afeta o eu, serve-se de recompensas de amor, da parte do educador, para esse fim, e falha, portanto, se a criança mimada [*verwöhnt*] crê que possui esse amor de qualquer maneira e que não pode perdê-lo em nenhuma circunstância (Freud, 1999k, p. 238).

Assim, de acordo com o raciocínio de Freud, quando uma criança é paparicada ou mimada (*verwöhnt*) com amor, ou seja, quando o amor é *excessivo*, a criança torna-se tão habituada (*gewöhnt*) a ele, que pode crer

[16] O termo utilizado por Freud significa literalmente uma "ajuda" (*hilfe*) "posterior", "suplementar" (*nach*); no entanto, ela é mais comumente usada para se referir às aulas de *reforço* que certos alunos recebem, fora do horário comum das atividades nas escolas. Com isso, Freud dá a entender que "o processo de desenvolvimento que afeta o eu" consiste desde sempre numa série de fenômenos *educativos*, e que a *educação* (formal) é na verdade uma educação *suplementar*, cujo fim é reforçar e estimular os processos que constituem a pedagogia natural da vida.

que sempre o terá para si, não importa o que faça. No entanto, o amor dos pais, como qualquer outro afeto, pode faltar ou ser "menos" do que deseja a criança (algo muito comum segundo Freud, como já vimos na citação acima, de 1938). Isso tudo evidencia que a concepção freudiana de "amor" é bem distinta da de Bowlby. Sim, é preciso que a criança seja amada, mas o amor dos pais jamais será "perfeito": ou terá excessos, ou falhas, ou será percebido como imperfeito e insuficiente pela própria criança, apesar de todos os esforços de seus progenitores.

Considerações finais

Como se pode notar, a discussão teórica esboçada aqui permite discernir, em Freud e em Bowlby, duas concepções de *educação* e do papel do *cuidado materno* na infância assaz distintas. O "bebê" não é concebido de forma idêntica – e em muitos pontos, nem mesmo similar – por Freud e Bowlby, da mesma forma que o "amor materno" e a "necessidade de ser amado". Isso implica consequências graves para a noção de *saúde mental* que se poderia apreender das duas teorias aqui comparadas: para Bowlby, o estresse gerado pela separação materna, durante o "período crítico" da vida de um ser humano, é inevitavelmente negativo e, caso se repita sistematicamente, pode vir a gerar distúrbios de caráter (como nos delinquentes, por exemplo) ou sintomas neuróticos crônicos; para Freud, em contrapartida, o bebê é um ser *fadado à angústia*, e esse afeto, por mais incômodo que possa ser, é não só um afeto normal, como também saudável no desenvolvimento do psiquismo humano. Para a teoria freudiana, o problema relativo à angústia não concerne ao próprio afeto, mas sim à reação do organismo humano a ela, que, caso se trate de defesas apenas parcialmente bem-sucedidas, poderá acarretar sintomas no futuro. Os sintomas neuróticos, no entanto, têm para a teoria freudiana uma causação complexa, multifatorial, que muito dificilmente pode ser prevenida ou erradicada.

Aqui, cabe relembrar as palavras sucintas de Badinter (1985, p. 310):

> Sabemos que, várias vezes, Freud se eximiu de dar conselhos aos pais, argumentando que toda educação resultava num fracasso. Depois da guerra, vários de seus discípulos esqueceram a advertência, passando do descritivo ao normativo. Houve psicanalistas que se tornaram célebres traçando o retrato da boa mãe e dando conselhos às mulheres em livros escritos especialmente para elas, ou nos veículos de comunicação de grande difusão.

Nesse diagnóstico da feição que tomou a psicanálise após a Segunda Guerra em território britânico e francês, nota-se um cuidado em autores como Badinter (1985), Donzelot (1980) e Zahra (2011) em discriminar o que concernia à psicanálise freudiana e o que era relativo à psicanálise do período (décadas de 1940 e 1950). A despeito disso, como vimos, encontramos no texto de Bowlby a tentativa insistente em aproximar as palavras de Freud das suas e a teoria das neuroses freudiana de sua teoria do apego (inclusive ao recorrer aos comentários de Strachey sobre Freud, os quais, contudo, quando averiguados no texto original mais uma vez destoam da releitura promovida por Bowlby). A afirmação de Bowlby encontra ecos em estudiosos importantes da psicanálise, como em Fonagy (2001) e van der Horst (2011). No capítulo "*Freud's Models and Attachment Theory*", em que estabelece aproximações e divergências entre o modelo freudiano e a teoria do apego, Fonagy afirma:

> Freud, como Bowlby, iniciou sua viagem de descoberta preocupado com as consequências psicológicas de uma privação precoce significativa (Bowlby 1944, A. Freud 1954). Mas, enquanto Bowlby passou a elaborar os fundamentos psicológicos, sociais e biológicos desta associação, Freud afastou-se da sua "hipótese da sedução" em favor do seu segundo modelo, enfatizando a teoria psicossexual do desenvolvimento (Fonagy, 2001, p. 48).[17]

[17] Segundo Fonagy (2001), essa afirmativa encontra suportes num texto do próprio Bowlby e num texto de Anna Freud. Ao recorrermos ao texto de Anna Freud, não encontramos

Ou seja, Fonagy subscreve à releitura de Bowlby, segundo a qual Freud também partira de casos de "privação" na primeira infância, mas, enquanto o pai da psicanálise teria enfatizado a teoria do desenvolvimento sexual, Bowlby teria elaborado as "sustentações psicológicas, sociais e biológicas" das consequências da privação.

Há que relembrar, também, a seguinte asserção de van der Horst (2011, p. 163) sobre Freud, que tem íntima relação com isso:

> na sua comparação com Freud e Darwin, Bowlby afirmou que, no que diz respeito à construção de teorias, ele se colocou na tradição de Darwin. A observação cuidadosa, a tomada de notas e a formação de teorias com base em dados concretos foram preferidas à especulação teórica (*armchair speculation*) fácil.

É como se Freud não tivesse sido cientista, como se sua teoria fosse uma "fácil especulação" de gabinete. Ora, isso é altamente questionável e injusto, e parte do pressuposto de que existe apenas um tipo de ciência, tal como a que Bowlby – supostamente – passou a desenvolver desde a década de 50. Trata-se de um raciocínio ao qual faltam os devidos conhecimentos históricos a respeito da importância de Freud no cenário científico (da neurologia, da neuropatia) de sua época. Freud foi formado numa tradição darwiniana, naturalista, num momento de efervescência da neurologia (Padovan, 2018; Ritvo, 1992), campo no qual se especializou primariamente e desenvolveu estudos ao longo de, ao menos, 15 anos antes de se dedicar mais intensivamente ao campo da psicopatologia[18]. Mesmo a

menções ao trabalho do próprio Freud ou ao termo *privation* ou *deprivation*. Portanto, ele não suporta a afirmação de que Freud "iniciou sua viagem de descoberta preocupado com as consequências psicológicas de uma privação precoce significativa". Há uma descrição no texto de Anna Freud (1954) de casos sob sua responsabilidade em que houve uma privação de cuidado parental e de qualquer outro tipo de suporte de maneira severa (vítimas de campos de concentração e ausência completa dos progenitores).

[18] Esses estudos estão hoje publicados numa nova edição das obras de Freud, a *Gesamtausgabe*. Podem ser citados, apenas a título de exemplo, os artigos de Freud sobre o órgão lobular das enguias (2015a), sobre os gânglios espinhais das lampreias (2015b), sobre

sua "especulação" sobre os instintos de morte, por exemplo, que caracteriza boa parte do *Além do Princípio do Prazer*, não configura um raciocínio ausente de cientificidade ou apartado das ciências da natureza de sua época; como demonstrou Simanke (2020b), toda essa "especulação" freudiana se enquadra muito bem nos questionamentos (devidamente científicos) da sua época a respeito dos limites da vida, da possível imortalidade dos protozoários, e assim por diante. Quando se relê e se avalia uma teoria, é necessário não negligenciar ou obnubilar seu contexto histórico e suas relações com o cenário científico de sua época. Caso contrário, quase todo texto científico de outrora nos parecerá prenhe de raciocínios e conceitos sem cientificidade alguma.

Isso tudo, por fim, alinha-se a uma das figuras "míticas" de Freud propagadas em nossa cultura. É como se Freud tivesse sido mesmo um autor "psicologista", para quem "tudo é culpa da mãe", o primeiro e mais importante objeto amoroso da vida de um homem; Freud, esse homem que teria afunilado todo o amor humano à mãe e à primeiríssima relação com ela, no fundo teria apenas pavimentado o caminho para a teoria do apego, que finalmente apreendeu de modo legitimamente científico a natureza desse primeiro amor, inevitável e quase incorrigível; Freud, esse homem "genial" e que, preso ao seu tempo, não soube conferir ciência suficiente às suas "descobertas", tendo sido seduzido pelas noções de "energia" e de "instinto", mas cujas intuições geniais a respeito do "primeiro vínculo com a mãe" felizmente puderam ser aproveitadas de modo mais rigoroso pelo seu autêntico discípulo.

Após nossas análises, não é difícil notar que essa ideia de um Freud "psicologista" e alheio ao método científico é bastante enviesada e negligencia diversos aspectos de sua teoria e de seus raciocínios[19]. Isso contém implicações não só teóricas, como as que já destacamos ao longo

a estrutura das fibras e células nervosas dos lagostins (2015c), e sobre a estrutura dos elementos do sistema nervoso central humano (2015d).

[19] Dentre as leituras mais pregnantes e prejudiciais encontram a da "desnaturalização da teoria freudiana", isto é, querer afastá-la das ciências naturais (Simanke, 2014; Souza, 2022). Algo que Freud reiteradamente negou até o fim da vida: "citação do esboço".

deste texto, mas também práticas. Freud possivelmente não seria contra conferir uma aplicação prática às conclusões teóricas a que chegou após confrontar os conceitos com os dados da prática clínica; apesar disso, muito provavelmente ele não daria conselhos públicos sobre como "amar" corretamente um ser humano, ou sobre como "educá-lo" exitosamente, para que não se torne um delinquente ou um neurótico. Há poucas coisas menos freudianas do que essa imagem do psicanalista (ou do psicoterapeuta) como um profissional que guia os homens ao verdadeiro amor, à verdadeira saúde, à verdadeira humanidade.

Referências

ARIÈS, Philippe. *L'enfant et la vie familiale sous l'ancien régime*. Paris: Editions Seuil, 1960/1973.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado*: o mito do amor materno. 10. ed., Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BOWLBY, John. *Attachment and loss*. vol. I: Attachment. 2. ed. New York: Basic Books, 1982.

BOWLBY, John. A*ttachment and loss*. vol. II: Separation anxiety and anger. New York: Basic Books, 1973.

BOWLBY, John. *Attachment and loss*. vol. III: Loss, sadness and depression. New York: Basic Books, 1980.

BOWLBY, John. *Maternal Care and Mental Health*: A Report Prepared on Behalf of the World Health Organization as a Contribution to the United Nations Programme for the Welfare of Homeless Children. Genebra: World Health Organization, 1952.

BOWLBY, John. Psychoanalysis as a natural science. *NUQ*, Belo Horizonte, p. 483-504, 1981. DOI: https://doi.org/10.1111/j.1468-2273.1981.tb01318.x.

BOWLBY, John. Separation Anxiety. *International Journal of Psycho-Analysis*, Londres, v. 41, p. 89-113, 1960.

BOWLBY, John. The Nature of the Child's Tie to his Mother. *International Journal of Psycho-Analysis*, Londres, v. 39, p. 350-373, 1958.

BRASIL. Ministério da Cidadania. Secretaria Especial de Desenvolvimento Social. Secretaria Nacional de Assistência Social (SNAS). *Guia de acolhimento*

Familiar. Chegadas e Partidas: trabalhando as transições. São Paulo, Instituto Fazendo a História, 2022. Disponível em: https://familiaacolhedora.org.br/formacao/guia-de-acolhimento-familiar/. Acesso em: 27 fev. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Atenção Humanizada ao Recém-Nascido*. Método Canguru Manual Técnico. 3. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao_humanizada_metodo_canguru_manual_3ed.pdf. Acesso em: 27 fev. 2026.

CAROLI, Dorena. The Spread of Day Nurseries in England. *In*: CAROLI, Dorena. *Day nurseries and childcare in Europe, 1800-1939*. Londres: Palgrave MacMillan, 2017. p. 189-224. DOI: https://doi.org/10.1057/978-1-137-59227-9.

CAUVILLA, Waldir. Sobre um momento da constituição da idéia de infância: ponto de vista de um historiador. *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. 4, n. 6, p. 72-79, 1999. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v4i6p72-79.

DONZELOT, Jacques. *A polícia das famílias.* 3. ed. Trad. Maria Theresa da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador I*: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FERREIRA, Antônio; GONDRA, José. Idades da vida, infância e a racionalidade médico-higiênica em Portugal e no Brasil (séculos 17-19). *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 87, n. 216, 2006. DOI: https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.87i216.789.

FONAGY, Peter. *Attachment Theory and Psychoanalysis*. Londres: Karnac, 2001.

FREUD, Anna. The widening scope of indications for psychoanalysis discussion. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, New York, v. 2, n. 4, p. 607-620, 1954. DOI: https://doi.org/10.1177/000306515400200404.PMid:13211434.

FREUD, Sigmund. Some Elementary Lessons in Psycho-Analysis. *In*: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*. Bd. 17. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999. p. 139-147.

FREUD, Sigmund. Abriss der Psychoanalyse. *In*: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*. Bd. 17. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999g. p. 63-138.

FREUD, Sigmund. Beobachtungen über Gestaltung und feineren Bau der als Hoden beschriebenen Lappenorgane des Aals. *In*: FREUD, Sigmund. *Gesamtausgabe*. Bd. 1. Gießen: Psychosozial-Verlag, 2015a. p. 25-38.

FREUD, Sigmund. Das Unbehagen in der Kultur. *In*: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*. Bd. 14. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999i. p. 419-506.

FREUD, Sigmund. Die Structur der Elemente des Nervensystems. *In*: FREUD, Sigmund. *Gesamtausgabe*. Bd. 1. Gießen: Psychosozial-Verlag, 2015d. p. 155-168.

FREUD, Sigmund. Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie. *In*: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*. Bd. 5. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999b. p. 27-146.

FREUD, Sigmund. Formulierungen über zwei Prinzipien des psychischen Geschehens. *In*: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*. Bd. 8. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999k. p. 229-238.

FREUD, Sigmund. Hemmung, Symptom und Angst. *In*: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*. Bd. 14. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999d. p. 111-206.

FREUD, Sigmund. Jenseits des Lustprinzips. *In*: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*. Bd. 13. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999e. p. 1-69.

FREUD, Sigmund. Studien über Hysterie. *In*: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*, Bd. 1. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999h. p. 75-312.

FREUD, Sigmund. Über den Bau der Nervenfasern und Nervenzellen beim Flusskrebs. *In*: FREUD, Sigmund. *Gesamtausgabe*. Bd. 1. Gießen: Psychosozial-Verlag, 2015c. p. 151-190.

FREUD, Sigmund. Über Spinalganglien und Rückenmark des Petromyzon. *In*: FREUD, Sigmund. *Gesamtausgabe*. Bd. 1. Gießen: Psychosozial-Verlag, 2015b. p. 55-142.

FREUD, Sigmund. XX. Das menschliche Sexualleben. *In*: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*. Bd. 11. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999c. p. 313-330.

FREUD, Sigmund. XXIII. Die Wege der Symptombildung. *In*: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*. Bd. 11. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999a. p. 372-391.

FREUD, Sigmund. Zur Einführung des Narzissmus. *In*: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*. Bd. 10. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999j. p. 138-171.

FREUD, Sigmund. Zur Kritik der “Angstneurose”. *In*: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*. Bd. 1. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999f. p. 355-376.

LIMA, Ana Laura Godinho. A "criança problema" e o governo da família. *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. XI, n. 21, p. 126-149, 2006. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v11i21p126-149.

NEDER, Kaira; SOUZA, Pedro Fernandez. "Rewriting psychoanalysis in the light of ethological principles": On the relevance of Attachment Theory to the psychoanalytic field Rev. *Latinoam. psicopatol. fundam*., São Paulo, v. 27, p. 1-23, 2024. DOI: https://doi.org/10.1590/1415-4714.e230749.

PADOVAN, Caio. *Les origines de la méthode psychanalytique*. Thèse de psychopathologie. Paris: Université de Paris, 2018.

RITVO, Lucille B. *A influência de Darwin sobre Freud*: um conto de duas ciências. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

ROSE, Nikolas. *Governing the soul*: The shaping of the private self. Londres: Free Association Books, 1999.

RUSSO, Jane Araújo. Raça, psiquiatria e medicina-legal: Notas sobre a "pré-história" da psicanálise no Brasil. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 4, n. 9, p. 85-102, 1998. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-71831998000200006.

RUTTER, Michael. Maternal Deprivation, 1972-1978: New findings, new concepts, new approaches. *Child Development*, Washington, v. 50, n. 2, p. 283-305, 1979. DOI: https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1979.tb04110.x.PMid:114367.

SIMANKE, Richard Theisen. Considérations préliminaires à propos d'une méthode historico-philosophique pour la recherche conceptuelle en psychanalyse : une réflexion à partir de l'expérience brésilienne. *Critical Hermeneutics*, Washington, n. 4, 2020a.

SIMANKE, Richard Theisen. Fontes científicas: "Um reino de possibilidades ilimitadas". *In*: FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer [*Jenseits des Lustprinzips*]. Edição crítica bilíngue. Tradução e notas Maria Rita Salzano Moraes; Revisão de tradução Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2020b. p. 369-442.

SIMANKE, Richard Theisen. O Trieb de Freud como instinto 1: sexualidade e reprodução. *Scientiæ Zudia*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 73-95, 2014. DOI: https://doi.org/10.1590/S1678-31662014000100004.

SOUZA, Pedro. Ferreira. Freud, tradutor do instinto. *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, v. 25, n. 47, s.p, 2022. DOI: https://doi.org/10.11606/1982-88372547306.

STRACHEY, James. Editor's Introduction. Hemmung, Symptom und Angst. Inhibitions, symptoms and anxiety. *In*: STRACHEY, James (Ed.). *Standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*. vol. 20. London: Hogarth, 1964.

URWIN, Cathy; SHARLAND, Elaine. From bodies to minds in childcare literature: advice to parents in inter-war Britain. *In*: COOTER, Roger (Ed.). *In the name of the child*: Health and welfare, 1880-1940. London: Routledge, 1992.

VAN DER HORST, Frank. C. P. *John Bowlby – From Psychoanalysis to Ethology*: Unraveling the Roots of Attachment Theory. Leiden: Wiley Blackwell, 2011. DOI: https://doi.org/10.1002/9781119993100.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. United Nations Children's Fund, World Bank Group. *Nurturing care for early childhood development*: A framework for helping children survive and thrive to transform health and human potential. Genebra: World Health Organization, 2018.

ZAHRA, Tara. The Psychological Marshall Plan: Displacement, Gender, and Human Rights after World War II. *Central European History*, Cambridge, p. 37-62, 2011. DOI: https://doi.org/10.1017/S0008938910001172.

Data de registro: 16/09/2024

Data de aceite: 03/12/2025